

CAPÍTULO XVI – O SOM, O SILÊNCIO E O CRESCIMENTO ANÍMICO – PARTE 1

Os estudantes sinceros da Ciência da Alma são, naturalmente, ansiosos para “crescerem na graça”¹ a fim de que eles possam servir o melhor possível no Grande Trabalho de Ascensão Humana. Sendo humildes e modestos, estão tristemente conscientes das suas deficiências, mas, frequentemente, enquanto procuram ao redor por meios que facilitam o progresso, eles se perguntam: “*O que dificulta ou torna tão lento o meu progresso?*”. Alguns, especialmente em tempos passados, quando a vida era menos intensa do que agora, perceberam que a vivência cotidiana entre as pessoas comuns tinha muitas desvantagens. Para vencê-las e promover o crescimento anímico, se retiravam da comunidade para um mosteiro ou para as montanhas, onde podiam se dedicar à vida espiritual sem serem perturbados.

Nós sabemos, no entanto, que aquele não é o caminho. Está bem definido nas Mentes da maioria dos nossos Estudantes Rosacruz que se nós fugimos de uma experiência hoje, iremos confrontá-la novamente amanhã, e que a palma da vitória² é conseguida vencendo ou superando o mundo, não fugindo dele. O ambiente no qual fomos colocados pelos Anjos do Destino foi de nossa própria escolha, quando estávamos no momento decisivo do nosso ciclo de vida no Terceiro Céu. Éramos, então, espíritos puros³, livres da cegueira ou ilusão da matéria que agora cobre a nossa visão. Assim, sem dúvida, aquela experiência contém as lições necessárias para nós, e cometeríamos um grave erro se tentássemos escapar dela completamente.

¹ N.T.: 2Pd 3:18

² N.T.: O ramo de palmeira é um símbolo da vitória, do triunfo, da paz. A palma tornou-se tão intimamente associada à vitória na cultura romana antiga que a palavra latina palma poderia ser usada como uma metonímia para “vitória”, e era um sinal de qualquer tipo de vitória.

³ N.T.: Ego humano sem o Tríplice Corpo e sem a Mente (somente com os quatro Átomos-sementes desses veículos).

Contudo, recebemos uma Mente para um propósito definido: raciocinar sobre coisas e condições de modo que possamos aprender a discernir entre o que é essencial e o que não é essencial, entre o que é projetado para dificultar ou tornar tão lento com o propósito de nos ensinar uma virtude para superá-la e aquilo que é um empecilho, que abala as nossas sensibilidades e arruína os nossos nervos sem qualquer ganho espiritual compensatório. Será maior o proveito se nós pudermos aprender a diferenciar a fim de conservarmos as nossas forças, aceitando apenas o que devemos suportar em prol do nosso bem-estar espiritual. Então, economizaremos muita energia e teremos muito mais entusiasmo para seguirmos em direções mais produtivas do que temos agora. Os detalhes desse problema são diferentes em cada vida aqui; entretanto, há certos princípios gerais que nos beneficiarão a compreender e a aplicá-los em nossas vidas, e entre eles está o efeito do silêncio e do som no crescimento anímico.

Em um primeiro vislumbre ou uma primeira impressão pode nos surpreender a afirmação de que o som e o silêncio são fatores muito importantes no crescimento anímico, mas, quando examinamos o assunto, logo percebemos que isso não é uma noção absurda. Primeiro, consideremos a expressão gráfica: “A guerra é um inferno”, e depois vamos imaginar uma cena de guerra. A visão é aterrorizante, ainda mais para aqueles que veem isso com uma visão espiritual mais clara do que para os que estão limitados pela visão unicamente física, pois esses últimos podem, pelo menos, fechar os olhos deles para isso se o quiserem, porém, o verdadeiro horror da situação é sentido, pesadamente, no coração do Auxiliar Invisível, que não só ouve e vê, mas *sente* em seu próprio ser a angústia e a dor de tudo que o circunda,

sofrendo como Parsifal⁴ sentia, no coração dele, a ferida de Amfortas⁵, o rei do Graal seriamente ferido; de fato, sem aquele intenso sentimento íntimo de unidade com o sofrimento, não poderia haver nem a cura nem o auxílio. No entanto, há uma coisa da qual ninguém pode escapar, o terrível barulho das granadas, o estrondear ensurdecedor dos canhões, o pipocar violento das metralhadoras, os gemidos profundos indicativos de dores dos feridos e as ofensivas expressões de raiva e outras emoções semelhantes de uma certa classe de participantes. Não precisamos de nenhum outro argumento para concordar que é, realmente, um “ruído infernal” e tão subversivo ao crescimento anímico quanto possível. O campo de batalha é o último lugar que alguém, com uma Mente sã, escolheria para obter crescimento anímico, embora não devamos esquecer que muito desse crescimento anímico foi alcançado pelas ações nobres e de autossacrifício ali realizadas; mas, tais resultados foram alcançados *apesar* das condições e não por causa delas.

Por outro lado, consideremos uma igreja ressoando com acordes de um canto gregoriano⁶ ou de um oratório de Haendel⁷, sobre os quais as orações da alma aspirante voam em direção ao Autor do nosso Ser. Essa música pode ser,

⁴ N.T.: Parsifal é uma ópera ou drama musical em três atos de Richard Wagner, e sua última composição. O libreto é vagamente baseado no poema épico alemão médio do século XIII Parzival do Minnesänger Wolfram von Eschenbach, contando a história do cavaleiro arturiano Parzival (Percival) e sua busca pelo Santo Graal.

⁵ N.T.: A ópera Parsifal se passa nas legendárias colinas do Monte Salvat, na Espanha, onde vive uma fraternidade de cavaleiros do Santo Graal. O mago negro Klingsor teria construído um jardim mágico povoado com mulheres que, com seus perfumes e trejeitos, seduziriam os cavaleiros e faria com que eles quebrassem seus votos de castidade, e teria ferido Amfortas, rei do Graal, com a lança que perfurou o flanco de Cristo, e todas as vezes em que Amfortas olha em direção ao Graal sente a ferida arder. Tal redenção só poderia ser realizada por um “inocente casto” (significado da palavra “Parsifal”). Esse, em sua primeira aparição na ópera, surge ferindo um dos cisnes que purificavam a água do banho de Amfortas, e a todas as perguntas que os cavaleiros lhe fazem responde dizendo que não sabe de nada, nem ao menos seu nome. Parsifal atravessa o jardim mágico de Klingsor e é seduzido pela amazona Kundry, que ora é uma fiel serva do Graal, ora é escrava de Klingsor. Ao beijá-la, sente os estigmas das feridas que afligiam Amfortas e, quando Klingsor atira a lança contra ele, a lança dá a volta em seu corpo, e todo o castelo mágico é destruído. Tempos depois, tendo os cavaleiros se convencido de que ele é o “inocente casto” que faria a salvação, Parsifal cura as feridas de Amfortas e o destrona, assumindo a nova condição de rei do Graal.

⁶ N.T.: É um gênero de música sacra cristã de recitação salmódica. Tem seu início no Cristianismo primitivo. É um canto monódico executado em uníssono com eventuais trechos em solo e executado sem acompanhamento de instrumentos, exceto acompanhamento pelo órgão de tubos, já que esse foi inventado justamente para substituir as vozes faltantes.

⁷ N.T.: Georg Friedrich Händel ou Haendel (1685-1759) foi um compositor alemão, naturalizado cidadão britânico, considerado um dos maiores compositores da música barroca.

certamente, denominada “celestial” e a igreja designada como oferecendo uma condição ideal para o crescimento anímico, mas, se lá permanecêssemos permanentemente, negligenciando nossos deveres, fracassaríamos, apesar da condição ideal.

No entanto, resta apenas um método seguro para nós, isto é, um método que nos possibilite permanecer no barulho dos campos da batalha do mundo, esforçando-nos para extrair, das condições menos promissoras, o material necessário para o crescimento anímico, por meio do serviço altruísta, e, ao mesmo tempo, *construir dentro de nós um santuário* repleto daquela música silenciosa que soa sempre na alma de quem serve amorosamente, como uma fonte de elevação acima de todas as vicissitudes da existência terrena.

Possuindo aquela “igreja viva” *interna*, tornando-nos de fato, sob aquela condição, “*templos vivos*”, podemos voltar a qualquer momento, quando nossa atenção não for legitimamente exigida pelos assuntos temporais, para aquela casa espiritual, não construída por mãos, nos banhando em sua harmonia. Podemos fazer isso muitas vezes durante o dia e, assim, continuamente restaurar a harmonia que foi perturbada pelas discórdias das relações mundanas.